

# MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal

Setúbal, 2010

3

# MUSA

**museus, arqueologia & outros patrimónios**

**Volume 3  
Setúbal 2010**

**FIDS & MAEDS  
Autarquias do Distrito de Setúbal**

# Ficha Técnica

## *Edição*

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS) e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)

## *Direcção*

Joaquim Martins Gonçalves (Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal)

## *Coordenação Editorial*

Joaquina Soares

## *Conselho Científico*

António Nabais  
Carlos Marques da Silva  
Carlos Tavares da Silva  
João Luís Cardoso  
Mário Canova Moutinho  
Mário Varela Gomes  
Victor S. Gonçalves  
Vitor Serrão

## *Conselho Redactorial*

Antónia Coelho-Soares  
Amélia Pardal  
Clara dos Santos  
Fernanda do Vale  
Germesindo Silva  
Graça Filipe  
Isabel Vicente  
Luís Ferreira  
Miguel Correia  
Rosa Bela Azevedo  
Rosário Gil  
Teresa Rosendo

## *Secretariado e correspondência*



Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal  
Av. Luísa Todi, 162; 2900-451 Setúbal (Portugal)  
Telefs - (351) 265239365/265534029; Fax - (351) 265527678  
Email - maeds@mail.telepac.pt

© - Direitos reservados pelos autores e MAEDS. Interditada a reprodução de imagens.

## *Capa*

Moinho de Maré do Cais (Montijo). Foto da Câmara Municipal de Montijo.

## *Contracapa*

Estela-menir II da Anta Grande do Zambujeiro, fotos de arquivo do MAEDS; placa de xisto gravada da Anta Grande do Zambujeiro, esc. 1:1, foto de Manuel Ribeiro.

## *Execução gráfica*

Ana Paula Covas

## *Tratamento de imagens*

Ana Castela

## *Impressão e acabamento*

## *Depósito legal n.º*

## *ISSN*

1646-0553

## *Tiragem*

1400 exemplares

# Índice

|   |            |
|---|------------|
| <b>Museus</b>   | <b>7</b>   |
| Joaquina Soares<br><i>Museologia de escala regional. Breve reflexão a partir das rotinas do MAEDS</i>   | 9          |
| Cíntia Mendes<br><i>Plano das Memórias do Concelho de Alcochete</i>   | 21         |
| Carmen Carvalho<br><i>O Museu Mineiro do Lousal. Mina de Ciência - Centro Ciência Viva</i>  | 27         |
| Maria Clara Santos<br><i>O moinho de maré de Alhos Vedros e a exposição temporária “O Ciclo do Pão”</i>   | 34         |
| Micaela Casaca Sécio<br><i>O Moinho de maré do Cais. Experiência de uma musealização in situ</i>  | 43         |
| Francisco Borba<br><i>O Museu de Setúbal e o seu fundador, João Botelho Moniz Borba</i>   | 49         |
| <b>Arqueologia</b>  | <b>63</b>  |
| Françoise Mayet<br><i>Robert Etienne (1921 - 2009)</i>  | 65         |
| Joaquina Soares<br><i>Dólmen da Pedra Branca. Datas radiométricas</i>   | 70         |
| Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva<br><i>Anta Grande do Zambujeiro - arquitectura e poder. Intervenção arqueológica do MAEDS, 1985-87</i>  | 83         |
| Michelle Teixeira dos Santos<br><i>Alguns materiais inéditos do Moinho da Fonte do Sol das colecções de arqueologia do Museu Municipal de Palmela</i>   | 130        |
| Mário Varela Gomes<br><i>Estela epigrafada, da I Idade do Ferro, da Cerca do Curralão (Almodôvar, Beja)</i>   | 137        |
| Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Licínia Nunes Correia Wrench<br><i>Os primeiros mosaicos romanos descobertos em Caetobriga</i>  | 149        |
| Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Antónia Coelho-Soares, Susana Duarte, Ricardo Miguel Godinho<br><i>Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Augusto Flamengo, n.ºs. 10-12</i> | 165        |
| <b>Outros Patrimónios</b>   | <b>179</b> |
| Carlos Beloto<br><i>Onde e como estão os mosaicos romanos em Portugal? Um olhar do lado da conservação</i>  | 181        |
| Francisco Rasteiro, Soraia Matos, Marisa Loureiro, João Santos<br><i>Sistema do Frade</i>   | 197        |
| Rosalina Carmona<br><i>Barreiros e Barreiro. Considerações em torno de um topónimo</i>  | 207        |
| António Camarão<br><i>Alburrica - Mexilhoeiro. Um conjunto patrimonial</i>  | 215        |
| Alexandre Arménio Tojal<br><i>Platibandas: funcionalidade e estética na arquitectura doméstica oitocentista da Aldeia Galega / Montijo</i>  | 221        |
| Adelina Gomes Domingues<br><i>As artes de pesca em Sesimbra</i>   | 229        |
| Ana Alcântara<br><i>A indústria conserveira e a evolução urbana de Setúbal (1854-1914)</i>  | 237        |
| Carmen Carvalho e Purificação Pereira<br><i>Os lagares de azeite na vila de Grândola</i>  | 247        |
| Carlos Mouro e Horácio Pena<br><i>Um colecionador de utilidades: António Casimiro Arronches Junqueiro (1868-1940)</i>   | 257        |
| Gentil José Cesário<br><i>1755 - O terramoto de todos os santos em Santiago do Cacém</i>  | 279        |

# Plano das Memórias do Concelho de Alcochete

CÍNTIA MENDES\*

## RESUMO

O Município de Alcochete iniciou em 2009 um ano dedicado à Memória, promovendo o desenvolvimento de um projecto global intitulado “Plano das Memórias do Concelho de Alcochete”.

Com este projecto, pretende-se valorizar as pessoas do Concelho, as instituições e as suas tradições, fomentando uma cultura de preservação e estudo das memórias como factor essencial para a manutenção e reforço dos laços identitários locais, recorrendo aos métodos de trabalho de campo utilizados pelas Ciências Sociais, como seja o método biográfico (histórias de vida), a observação participante e entrevistas semi-dirigidas individuais e colectivas.

O Município de Alcochete iniciou em 2009 um ano dedicado à Memória, enquanto eixo temático da acção cultural, promovendo, neste âmbito, através do Sector de Museu e Património Local, o desenvolvimento de um projecto global intitulado “Plano das Memórias do Concelho de Alcochete”.

Depois de estudos intensivos sobre os *saber fazer* do salineiro e do marítimo, de uma dedicação exclusiva ao objecto etnográfico, à cultura material, do passado mais longínquo ao mais recente, chegou a altura de privilegiar o intangível.

Como objectivos, para este tipo de trabalho, salientam-se:

1. Incentivar o desenvolvimento de estudos de carácter sócio-etnográfico ao nível da história local de natureza qualitativa (histórias de vida), que visem a preservação das memórias das pessoas, das instituições, dos seus modos de vida e das suas tradições.

2. Construir um acervo documental de referência, quer em termos materiais resultantes das recolhas efectuadas, quer ao nível dos materiais diversos produzidos no âmbito dos estudos de natureza sócio-etnográfica desenvolvidos, ou ainda sob a forma de um museu virtual.

## ABSTRACT

In 2009 the Alcochete Municipality begins a year dedicated to the Memory, promoting the development of a global project entitled “Plano das Memórias do Concelho de Alcochete”.

With this project, we intent to emphasize the value of the people of Alcochete, the local institutions and their traditions, promoting a culture of preservation and the study of the local memories as a main factor in the enforcement of local identity bonds, using the same methodology as the one's used by Social Sciences in field work, such as the biography method (life stories), participant watching and semi-direct individual and collective interviews.

3. Divulgar o conhecimento adquirido, quer a nível local, potenciando a emergência de uma auto estima identitária assertiva, quer em fóruns regionais, nacionais ou transnacionais de debate sobre as dimensões da história local (com base em histórias de vida/história oral), como factor de enriquecimento e de coesão social.

4. Potenciar o desenvolvimento de parcerias, nomeadamente com as instituições solidárias de apoio a idosos no sentido de as capacitar para dimensões de intervenção social que concorram para estimular a participação activa e empenhada destes públicos.

5. Fomentar o desenvolvimento de projectos de trabalho diversos com entidades de educação/formação, potenciando a investigação como factor de produção de saber/conhecimento e de qualificação dos intervenientes.

Como finalidade última, pretende-se valorizar as pessoas do Concelho, as instituições e as suas tradições, fomentando uma cultura de preservação e estudo das memórias como factor essencial para a manutenção e reforço dos laços identitários locais.

Em termos de metodologia, privilegia-se neste tipo de projecto, em primeiro lugar os métodos de

---

\*Museu Municipal de Alcochete.



Fig. 1 - Alcochete, Praia dos Moinhos. Meados do século XX.

trabalho de campo utilizados pelas Ciências Sociais, como sejam o método biográfico (histórias de vida), a observação participante e as entrevistas semi-dirigidas individuais e colectivas.

Mas não nos deixemos, no entanto, iludir, colocando o intangível em repositórios estanques sem a indispensável participação do objecto como auxiliar da memória: uma fotografia, um instrumento de trabalho, um utensílio de cozinha, uma peça de vestuário, tudo poderá servir de “novelo” para desenrolar uma história... Se o “novelo” tiver uma ponta solta, podemos desenrolar uma história de vida!

*A primeira impressão que recebemos do homem de Alcochete é digna de nota: rostos queimados, pele endurecida e enrugada, e um ar que não sei se será justo classificar como fatalismo, ou talvez antes resignação, mas que parece dizer ao olhar para o estranho: “Se tu soubesses o que eu sei da vida”.<sup>1</sup>*

Este trabalho de campo será acompanhado de pesquisas de acervos documentais locais e nacionais, bem como de bibliografia sobre metodologia e *case studies* com características análogas.

Sobre os intervenientes neste projecto, além do Sector do Museu e Património Local da Câmara Municipal de Alcochete, que promoveu inicialmente este tipo de estudos, muitas outras unidades orgânicas desta Instituição se encontrarão de alguma forma envolvidas neste projecto que produzirá, assim se deseja, uma diversidade de estudos e conhecimentos

que, complementados com ideias e contributos ainda por definir, constituirão o acervo documental para memória futura do Concelho de Alcochete. Instituições como a Santa Casa da Misericórdia de Alcochete, o Centro Social de S. Brás, o Alcolar ou a Sociedade Imparcial 15 de Janeiro de 1898 são já parceiros efectivos que conosco têm vindo a colaborar desde o primeiro momento. Contamos também com a colaboração futura de outros parceiros como sejam: a Fábrica da Paróquia de Alcochete; o Agrupamento de Escolas de Alcochete; a Escola Secundária de Alcochete; as colectividades bem como as associações do Concelho e comissões de festas. Por último, ou talvez não, contamos com a colaboração e apoio das gentes de Alcochete. Algumas das quais, conhecedoras dos subprojectos em desenvolvimento, têm demonstrado o seu interesse em participar, em constituírem-se como informantes privilegiados ou indicando outros informantes conhecedores dos usos e costumes da terra, ou ainda fornecendo uma “fotografia de como era antigamente” ou um objecto que consideram testemunho da herança cultural deste território.

O projecto global, pensado para ser faseado e estruturado em vários subprojectos, apela também a contributos externos, à participação de investigadores e estudantes que se queiram associar, enriquecendo assim o seu conteúdo e estimulando o gosto pelos estudos etno-antropológicos de carácter local. Na categoria de subprojectos, foram identificadas quatro grandes linhas de investigação, a primeira das quais, transversal e abarcando todas as outras, está já a decorrer desde Junho de 2008.

## O FALAR DOS NOSSOS AVÓS

*O Falar dos Nossos Avós*, subprojecto vocacionado inicialmente para a recolha de expressões de linguagem tipicamente alcochetanas, transformou-se, dada a riqueza do material que se começou a obter na fase da recolha, num trabalho com um âmbito significativamente mais abrangente.

Ao analisar-se o material recolhido em entrevistas diversas, desde logo se tomou consciência que o manancial de informação obtido não poderia

1 - Ana Maria Gomes de Lucena VALLADAS, *Monografia de Alcochete*, trabalho policopiado, Centro de Documentação do MMA, p.14.

de forma alguma ser excluído do projecto, sob pena de se deixarem na gaveta testemunhos e vivências que são o espelho de uma comunidade, vista e analisada por si própria, que se revelam de um interesse maior comparativamente à simples recolha das expressões da linguagem.

Se se quiser ir ao fundo da questão, pode aferir-se que esta nova perspectiva se fica a dever às questões da imprevisibilidade que estes estudos comportam e para as quais contribuí, por exemplo, a dificuldade de entendimento por parte dos informantes sobre o objectivo das entrevistas. Outro aspecto que concorre para a riqueza do material recolhido é a grande disponibilidade dos entrevistados para contarem ao pormenor a sua história de vida, i.e. para a “confissão” das suas vivências pessoais. Enveredando pela exposição de pormenores muitas vezes íntimos das suas vidas, pese embora o facto de não terem sido colocadas questões desse tipo, nota-se nos entrevistados uma enorme predisposição para falarem sem receios sobre “esses” assuntos!

Concluiu-se que seria substancialmente mais interessante que este subprojecto *Falar dos Nossos Avós* incidisse sobre as temáticas que foram emergindo nas recolhas efectuadas nas histórias de vida, mantendo uma secção dedicada às *Expressões da Linguagem*, mas abrangendo um leque variado de temáticas, como por exemplo: *Histórias do Trabalho*; *Crianças – brincadeiras, escola e trabalho*; *Coisas de Mulheres – menstruação, sexualidade, gravidez e parto*; entre outras que o material recolhido poderá permitir!

Far-se-á assim um percurso retrospectivo dos últimos 60/70 anos do Concelho do Alcochete, com testemunhos de pessoas conhecidas de todos, com vivências reais relatadas pelos mesmos, num trabalho que se revelará de todo o interesse para os mais novos, que terão assim oportunidade de, através dos relatos dos mais velhos, tomarem conhecimento dos modos de vida das pessoas de “antigamente”.

## MEMÓRIAS DO TRABALHO

Neste subprojecto proceder-se-á primeiramente à identificação das profissões e ofícios de Alcochete, tais como o de salineiro, marítimo, comerciante, artesão e ainda operário fabril, entre muitos outros.

Seguidamente, procurar-se-á aferir da existência de algum tipo de memória local associada ou

relacionada com as profissões mais relevantes do Concelho, questionando por exemplo: até que ponto a identidade da Vila está ligada ao trabalho? No caso de haver uma identidade local, será somente masculina ou também envolve as mulheres? Haverá uma actividade dominante (em declínio ou não) com que se identifique toda a comunidade?

Paralelamente, proceder-se-á ao levantamento das doenças profissionais, procurando também identificar se havia algum tipo de tratamentos tradicionais utilizados na cura das mesmas.

Os aspectos relacionados com os termos de linguagem associados às profissões também serão objecto de recolha e de estudo, sendo efectuado o levantamento, se as houver, de canções de trabalho. A identificação da dieta dos trabalhadores; as diferenças de salários e a participação na vida política, nomeadamente a questão da greve dos salineiros em 1957 são também aspectos diversos que serão considerados no âmbito deste estudo.

Prepara-se neste momento uma exposição temporária que estará patente ao público entre Julho e Dezembro de 2009, na qual se pretende recriar, em pequenos núcleos expositivos, algumas das profissões ligadas ao comércio e serviços com maior relevo no Concelho. Procurar-se-á enfatizar a importância do profissional que as representa, que na maior parte dos núcleos será o proprietário dos objectos expostos, ou noutros casos um familiar ascendente deste, explicando na primeira pessoa o seu *saber fazer*, contando o seu percurso de vida enquanto indivíduo que teve uma determinada profissão.

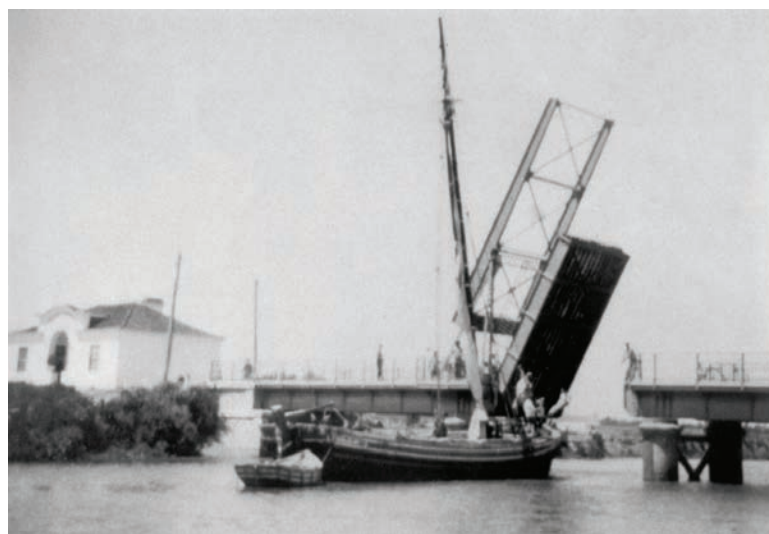


Fig. 2 - Transporte de sal – Alcochete, Ribeira das Enguias, Ponte do Vau. Meados do século XX.

## MEMÓRIAS DA FESTA E DEVOÇÃO / RITUAIS

“Alcochete está sempre em festa!” Este é um dizer comum que em muito reflecte o carácter festivo desta comunidade.

Desde Janeiro a Agosto, muitas são as festas, de carácter mais popular, ou mais religioso, que se celebram. Assim, logo em Janeiro, as comemorações da Restauração do Concelho, que se celebram a 15 de Janeiro desde 1898, marcam o início do período festivo, com a exaltação desta forte noção de identidade territorial. A Páscoa é marcada pela festa do Círio dos Marítimos de Alcochete ou festa dos burros, cuja celebração remonta aos primórdios do séc. XVI, integrada nas festas marianas de devoção à N<sup>a</sup> Senhora da Atalaia. Em Junho, celebram-se os Santos Populares, sendo o padroeiro S. João Baptista, orago da Igreja Matriz desta Vila. Em Agosto, têm lugar desde 1948 as Festas do Barrete Verde e das Salinas, de eminente carácter popular, de exaltação das mais importantes profissões e ou ocupações das gentes da vila de Alcochete: o salineiro, o campino e o forçado, numa grande cumplicidade com as manifestações mais populares da festa brava.

O defeso, de Setembro a Dezembro, é um período relativamente curto comparado com o tempo de festa.



Fig. 3 - Rancho Folclórico de S. Francisco – 1957.

Neste subprojecto propõe-se portanto o levantamento das festas e romarias das quais há registos, incluindo festas religiosas e festas populares pagãs, procurando saber da sua evolução e extinção, bem como da existência de hibridação entre elas, como, por exemplo, se houve paganização da festa religiosa ou se, por outro lado, houve alguma apropriação da festa popular pela Igreja.

O folclore local, bastante enraizado na comunidade pela existência de três ranchos folclóricos em actividade, constitui também matéria interessante de investigação: perceber do esforço e da metodologia desenvolvidos pelos grupos na recolha e na fixação do património musical e etnográfico, contribuindo desta forma para o alargamento e divulgação de fontes de pesquisa e sistematização de conhecimento.

Sobre a festa brava e a relação íntima e sobejamente conhecida do homem alcochetano com os touros, procurar-se-á conhecer melhor essa relação, situá-la no tempo e na evolução que a mesma conheceu em Alcochete, dando a conhecer as biografias das famílias e dos personagens que melhor exprimam e ainda exprimem essa relação com o touro.

Também o fado parece estar profundamente associado a Alcochete. Desde a existência de construtores de instrumentos musicais, como é o caso da guitarra portuguesa, aos músicos e fadistas locais e às inúmeras tertúlias onde se canta o fado à desgarrada e se dá largas a um cultivado bairrismo, traço de carácter que já em 1958 Valladas denota<sup>2</sup>, muitas são as evidências desta ligação. Desde quando tal se pode evidenciar e qual a importância que a Festa Brava tem nesta associação será entre outros aspectos o que se procurará conhecer.

Lugar de seguida para uma análise dos rituais ligados à festa como o casamento e o baptizado, aos quais se associam naturalmente os respectivos pratos típicos, em contraponto com os comeres do dia a dia, o arroz doce, e a fogaça como exemplos.

Por fim, nesta linha de investigação, o estabelecimento de paralelismos nos rituais ligados à morte, no mar *versus* morte em terra, ou morte na Vila *versus* morte no campo: «quando se perguntava antigamente ao ouvir o sino: quem morreu? E alguém respondia: “Era do campo”, o primeiro retorquia: “então não foi ninguém”!»<sup>3</sup>.

2 - VALLADAS, *op. cit.*, p. 17: «De um bairrismo exagerado, não concebem que o “estrangeiro” tenha funções de chefia na sua terra».

3 - D. Maria José Perinhas Arrôs, 70 anos, entrevista realizada em Agosto de 2008.





Fig. 4 - Banda da Sociedade Imparcial 15 de Janeiro de 1898 – 15 de Janeiro de 1946.

## MEMÓRIAS DAS INSTITUIÇÕES

O conhecimento de uma comunidade faz-se naturalmente pela história das suas instituições. A Câmara Municipal de Alcochete assume, neste contexto, uma particular relevância com toda a sua dimensão político-social desde a Restauração do Concelho em 1898 até a instauração do Poder Local Democrático, passando pelo período do fascismo. Mas não é a única cuja história importa estudar e preservar. Entre outras, destacam-se: a Paróquia enquanto instituição e a Igreja Matriz como espaço sagrado, bem como as restantes igrejas do Concelho, e as suas ligações profundas à comunidade; a Santa Casa da Misericórdia de Alcochete; a Fundação João Gonçalves Júnior; a escola e por fim as colectividades

mais antigas, como por exemplo a Sociedade Imparcial 15 de Janeiro de 1898, a Sociedade Progresso e Labor Samouquense, os grupos de forcados e o Aposento do Barrete Verde com o seu espaço museológico privado.

A *Sociedade Imparcial 15 de Janeiro de 1898*, instituição “gémea”<sup>4</sup> da Câmara Municipal de Alcochete, renomeada assim para homenagear a restauração do Concelho, que foi extinto em 1895 com a reforma administrativa de João Franco<sup>5</sup>, será, sem grande margem para dúvidas, a colectividade que assume desde a sua fundação um maior protagonismo na vida social e cultural da comunidade local.

A Banda da Sociedade tem sido, desde sempre, o seu ponto de apoio, uma banda que tem formado gerações de músicos ao longo dos 111 anos

4 - O termo “gémea” é vulgarmente utilizado pelos alcochetanos para enfatizar a relação profunda entre as duas instituições, tendo inclusivamente a Sociedade adoptado no seu nome a data da restauração do Concelho, anteriormente chamada *Sociedade de Recreio Alcochetense*, adoptou depois o nome de *Filarmónica 15 de Janeiro Alcochetense* e actualmente chama-se *Sociedade Imparcial 15 de Janeiro de 1898*.

5 - Miguel CORREIA, *15 de Janeiro de 1898. Memórias de Um Concelho*. Catálogo de Exposição, Alcochete, Câmara Municipal de Alcochete, 2003, p.13.

da sua existência, motivando carreiras profissionais e formando o carácter de muitos alcochetanos que sentem a banda e a sociedade como a sua segunda casa. *Fui para a Sociedade com 14 anos, associei-me para aprender música, (...) Eu, enfim, aquela rapaziada, os meus primos e amigos da escola foram aprender música e eu também fui! (...) Aprendi música e saí na banda em 1947 e andei lá 19 anos na banda, com um ano de aprendizagem, foram 20 anos! (...) Tocava trombone, aprendi primeiro bombardino, mas depois fui tocar trombone, notei que havia falta. A Sociedade era muito pobre nesse tempo, não tínhamos instrumentos para aprendermos, os aprendizes tinham de aprender com o instrumento do músico. E depois quando estávamos preparados para tocar não tínhamos instrumentos,*

*o instrumento era do outro! Pronto e toquei ali no bombardino, depois fui para o trombone, o outro deixou de tocar e entrei eu. (...) Tive pena na altura de deixar porque a Sociedade Imparcial 15 de Janeiro foi para mim a minha 2ª casa muitos anos, eu adorava aquilo, era mesmo a 2ª casa! Eu não era capaz, quando saía à noite, todos os dias saía à noite com os amigos, a rapaziada da minha idade, e eu não era capaz de ir a lado nenhum sem primeiro ir à Sociedade! E então fiz daquilo a minha 2ª casa por muitos anos.*<sup>6</sup>

O estudo desta Instituição encontra-se também, paralelamente, a decorrer, tendo já sido recolhidos vários depoimentos e efectuada pesquisa de documentação desde Janeiro de 2007.

---

6 - Sr. Joaquim Pires Júnior, 76 anos, entrevista realizada em Julho de 2008.